



Público 18-09-2009	Periodicidade:	Diário	Temática:	Construção/Imobiliária
	Classe:	Informação Geral	Dimensão:	659
	Âmbito:	Nacional	Imagem:	S/Cor
	Tiragem:	75000	Página (s):	1/ 8 a 9



Público	Periodicidade:	Diário	Temática:	Construção/Imobiliária
	Classe:	Informação Geral	Dimensão:	659
	Âmbito:	Nacional	Imagem:	S/Cor
	Tiragem:	75000	Página (s):	1/ 8 a 9
18-09-2009				

Eles desenharam cinco escolas para África



Pedro Reis, Inês Lobo, Nuno Vidigal, Manuel Graça Dias, Jorge Figueira, Pedro Maurício Borges e Pedro Ravara

O comissário Manuel Graça Dias quis que, este ano, a participação portuguesa na Bienal de Arquitectura de São Paulo não se esgotasse na exposição. Por isso desafiou cinco ateliers de arquitectura a projectar escolas para cinco países africanos de expressão portuguesa

Alexandra Prado Coelho

● A ideia era que, desta vez, a presença portuguesa na Bienal de Arquitectura de São Paulo, no Brasil (de 21 de Outubro a 6 de Dezembro), fosse diferente. A sugestão surgiu logo quando o arquitecto Mamiel Graça Dias foi convidado pela Direcção-Geral das Artes para comissário - "Imagine que faz uma escola-tipo para os países africanos de expressão portuguesa". Graça Dias achou a ideia boa e convidou cinco arquitectos a fazer cinco escolas em África. O projecto foi divulgado ontem em Lisboa. "Não podia ser uma escola-tipo, tinha que ser um trabalho para um sítio específico", explica ao P2. "A arquitectura é sempre uma tentativa de solução de um problema com um sítio, uma paisagem, uma sociedade. É isso que vai garantir que as respostas sejam interessantes". Os cinco convidados foram "uma escolha pessoal, muito centrada na

geração que tem à volta de 40 anos". Todos eram pessoas que, acreditava, "estariam disponíveis para o desafio, e teriam a maturidade suficiente para dar uma resposta".

Partiram com uma orientação geral: procurarem materiais e técnicas locais que permitissem uma fácil construção e manutenção. "A boa arquitectura não se faz apenas quando há muito dinheiro para fazer objectos deslumbrantes. Queríamos desafiá-los a trabalhar em condições de escassez, dificuldade, tentando ainda assim fazer grande arquitectura".

Se as cinco escolas vão ou não ser construídas, depende da cooperação portuguesa e das autoridades locais. Mas o caminho já está aberto.

Jorge Figueira Angola

Este foi um projecto que, através dos contactos feitos em Angola,

acabou por se revelar muito maior do que o que o arquitecto imaginara. "É uma escola do pré-primário ao 12.º ano, portuguesa, com standards internacionais", explica Jorge Figueira. Nascerá em Benguela, "num empreendimento com dezenas de casas, numa zona paradisíaca em frente às colinas".

Figueira visitou várias escolas e viu muitos edifícios das décadas de 50 e 60 do século XX, "feitos segundo os critérios da arquitectura moderna, o que os torna património internacional", e nos quais se inspirou. "O projecto é uma espécie de interpretação contemporânea desse modernismo tropical", diz.

Angola é hoje um país "com muitas camadas temporais e culturais, e uma grande aspiração à modernidade", que "se reflecte por vezes na tentação do show-off, do high-tech, e das soluções à Dubai". Este projecto quer colocar-se nos antipodas disso e recuperar um património específico - o modernista - que em muitos casos

(como aconteceu com o mercado do Kinaxixe em Luanda) "está a ser destruído".

Um dos temas dessa arquitectura que Figueira registou nas fotografias que tirou foram "os azulejos e cerâmicas muito bem desenhados" que decidiu reinterpretar na sua escola, usando-os como "componentes lúdicas". "Vou usar a cor, o modernismo tropical tem muito essa componente festiva, é uma arquitectura quente, afectiva."

Inês Lobo Cabo Verde

Em Cabo Verde, Inês Lobo encontrou um sistema de educação muito bem organizado, num país "com recursos muito reduzidos, mas muito bem geridos".

A escola que desenhou destina-se a Achada Fazenda, uma aldeia a norte da Cidade da Praia, e deverá ter oito salas, uma biblioteca, um campo de jogos exterior e uma horta

pedagógica. "A escola é também um grande espaço para a comunidade" e a ideia é construir, ligada a ela, um espaço público para a aldeia.

Inês Lobo desenhou por isso uma "corredora" espaço tradicional para fazer o mercado ou uma feira com um "tecto" feito de acácias de flores vermelhas. O espaço da escola será definido por muros de granito pausados sobre os quais serão pousadas coberturas em chapa metálica. Os materiais são locais. "Em Cabo Verde não há madeira, daí a cobertura metálica. E o basalto é a pedra com que eles habitualmente constroem os muros". Inês vai aproveitar ainda a "serapilheira moderna, plástica, às cores, muito usada para protecções", e que ela utilizará, por exemplo, para estores.

Pedro Reis São Tomé e Príncipe

As imagens passaram no computador de Pedro Reis: casas

Público 18-09-2009	Periodicidade:	Diário	Temática:	Construção/Imobiliária
	Classe:	Informação Geral	Dimensão:	659
	Âmbito:	Nacional	Imagem:	S/Cor
	Tiragem:	75000	Página (s):	1/ 8 a 9

de madeira, sobre pilares por causa das chuvas, construídas pela população, e pintadas de azul, verde, amarelo, rosa. Um modelo que se repete por toda a ilha e que está também em Santa Catarina, a aldeia de pescadores num dos extremos de São Tomé, para a qual o arquitecto projectou uma escola pré-primária.

Outra imagem mostra um bananal. É aí que está previsto que surja o edifício (base em basalto, salas com paredes feitas de lâminas de madeira pintadas de um dos lados, ripas de madeira no tecto por baixo da cobertura metálica) cuja maqueta temos à frente: um quadrado com um pátio central (com uma cisterna para recolher a água das chuvas), uma grande cobertura, e quatro salas. "O primeiro momento de construção aqui é uma grande cobertura", diz Pedro Reis. O arquitecto viu várias escolas em que o espaço coberto para as crianças brincarem era muito pequeno, e estas acabavam por ter que brincar à chuva. Aqui quis fazer o contrário.

No exterior haverá uma grande árvore, com ramos que se estendem horizontalmente. O módulo quadrado pode repetir-se, criando por exemplo um conjunto de quatro que faria da escola um grande edifício de referência na aldeia de Santa Catarina.

Pedro Ravara + Nuno Vidigal Moçambique

Neste projecto, a escola pode ser o embrião de uma aldeia. No terreno escolhido existe muito pouco. Mas é ali, no Lumbo, que se deverá instalar uma das Vilas do Milénio das Nações Unidas, para a qual será transferida alguma da população da ilha de Moçambique. "Propomos um módulo que, a partir da escola, possa construir a aldeia toda", diz Pedro Ravara.

No centro estará um embondeiro, a velha árvore debaixo da qual desde sempre as pessoas gostam de se reunir. À volta haverá um pátio, com coberturas que fazem a recolha de água para

uma cisterna. "A escola começa por baixo de uma árvore."

Ravara e Vidigal seguiram o esquema proposto pelo Banco Mundial, com seis salas, três gabinetes para professores e as latrinas, um modelo básico mas que pode crescer. Porque há tufões e intempéries, a escola tem que usar material resistente - tijolo fabricado localmente, cimento para os terraços, e vigas de madeira com redes mosquiteiras, "que filtram a luz para as salas de aula". Os módulos podem, entre si, formar claustros, e permitir o tal crescimento, em que a escola é apenas o princípio da aldeia.

Pedro Maurício Borges Guiné-Bissau

Quando Pedro Maurício Borges chegou à Guiné-Bissau percebeu rapidamente que a escola teria que ser feita pela comunidade e com os bens locais. Os contactos, através da embaixada portuguesa, levaram-no até ao Cacheu. "Uma das coisas que me pediram foi que incluisse um refeitório na escola - se houver comida as raparigas vão à escola, e o país tem uma grande taxa de analfabetismo feminino".

Andou pelo país e visitou escolas. "São muito elementares, em taipa ou adobe, com uma cobertura projectada que protege da chuva e do sol. Não há janelas de vidro, mas sim grelhas de betão que permitem a ventilação permanente das salas". Coloca em cima da mesa do atelier algumas das fotografias que tirou. Ao lado está uma maqueta do projecto, com três módulos dispostos de forma a criarem entre eles um triângulo aberto num dos lados.

Num país onde só existem duas estações, a seca e a das chuvas, Borges deixou que fosse o clima a desenhar a escola. Usou a direcção dos ventos para decidir a localização dos três pavilhões, dois com salas de aula e o outro com um refeitório, e uma recreio coberto. Na maqueta há ainda um pequeno módulo quadrado - a casa do director da escola. Tudo em adobe ou taipa, com madeira e cobertura de chapa de zinco. A cor será um vermelho róseo, a cor da terra do Cacheu.